

A GEOGRAFIA CRÍTICA BRASILEIRA E O DEBATE SOBRE ONTOLOGIA DO ESPAÇO: UMA APROXIMAÇÃO

The Brazilian Radical Geography and the Debate About the Ontology of Space: an Approach

La Geografía Crítica Brasileña y el Debate Sobre la Ontología del Espacio: una Aproximación

Breno Viotto Pedrosa

Doutorando do Departamento de Geografia – FFLCH/USP
e-mail: brenoviotto@hotmail.com

Resumo

No presente artigo exploraremos aspectos desenvolvidos acerca do tema da ontologia do espaço. Buscaremos explicar sobre alguns autores da geografia brasileira que se dedicaram ao assunto. Analisaremos como o tema ganha força com a renovação da geografia crítica, de raízes marxistas, através do itinerário de Armando Correa da Silva, Antonio Carlos Robert Moraes, Milton Santos e Ruy Moreira. Obviamente nos dias de hoje muitos outros pesquisadores estudam a ontologia do espaço. Buscamos dessa forma traçar quais foram os elementos preliminares do surgimento da ideia de ontologia no contexto da geografia crítica brasileira.

Palavras-chave: Ontologia; espaço; marxismo.



Abstract

140

In this article we will explore some aspects of space's ontology. We will try to present some authors in Brazilian geography who studied the theme. This theme is linked directly with critical geography's renewal and initially has followed the itinerary of Marxism. Armando Correa da Silva, Antonio Carlos Robert Moraes, Milton Santos e Ruy Moreira are the main authors. However, in this article we will try to trace the preliminary circumstances for the rise of the idea of ontology in Brazilian's geography.

Key-words: ontology, space and Marxism.

Resumen

En este artículo vamos a explorar algunos aspectos de la ontología de espacio. Vamos a tratar de explicar acerca de los autores que se han centrado en la geografía brasileña sobre el tema. Este tema vinculado a la renovación de la geografía crítica y el marxismo en principio siguió el itinerario de Armando Correa da Silva, Antonio Carlos Moraes Robert Milton Santos y Ruy Moreira. Es evidente que hoy en día muchos otros investigadores han estudiado la ontología del espacio. Buscamos trazar las circunstancias que fueron previas a la aparición de la idea de la ontología en el contexto de la geografía crítica brasileña.

Palabras clave: Ontología; espacio; marxismo.



A geografia crítica e a ontologia do espaço

Neste trabalho iremos fazer uma explanação sobre a ontologia do espaço dentro do âmbito da geografia crítica brasileira através da obra de quatro geógrafos: Armando Correa da Silva, Antonio Carlos Robert Moraes, Ruy Moreira e Milton Santos. Primeiramente, como uma breve introdução, faremos uma digressão sobre o processo de surgimento da geografia crítica no Brasil para a seguir explorarmos mais detalhadamente como a ontologia aparece na obra de cada um dos autores mencionados. Na conclusão deste artigo indicaremos algumas perspectivas que ainda podem ser exploradas na relação entre geografia e filosofia.

Existe um consenso que o tema da ontologia ganha importância a partir do movimento da geografia crítica brasileira, uma vez que esses geógrafos se ligaram aos filósofos marxistas em busca de aprimoramento metodológico. O que entendemos por geografia crítica

nada mais foi do que um movimento de posicionamento intelectual que teve drásticas repercussões institucionais, seja em instituições acadêmicas, seja no ensino ou nas associações de geógrafos. A tentativa foi de introduzir a filosofia, a metodologia e a temática do marxismo (e em parte do anarquismo) na ciência geográfica com o objetivo de haver um conhecimento mais politizado frente aos desafios de seu tempo. Buscava-se um conhecimento engajado capaz de transformar o mundo que faria frente à ditadura militar, no caso brasileiro.

No âmbito mundial podemos sem muita dificuldade observar os momentos de continuidade e descontinuidade da geografia de inspiração marxista e anarquista desde o século XIX com Reclus, Kropotkin e Wittfogel. Este último mais posteriormente no primeiro quartel do século vinculado à escola de Frankfurt. No pós-guerra temos o grupo de geógrafos franceses de esquerda com Pierre George, Jean Dresch, Jean Tricart, Raymond Guglielmo



e Yves Lacoste. Esta geração será uma força impulsionadora do surgimento da geografia crítica, pois algumas das questões que estariam em pauta somente após 1968 estavam pungentes nesse grupo, como por exemplo, a preocupação com a geografia urbana ou a geografia social. Já nos países anglo-saxões, nas décadas de 1960-1970, encontramos William Bunge, Richard Peet e David Harvey geógrafos da nova geografia que optam pelo marxismo na busca da crítica social. Essas geografias críticas que surgem no final de 60 se relacionam com matrizes ligeiramente distintas nos EUA e na França uma vez que esses países enfrentavam problemas sociais diferentes. No entanto, chegaram em resultados, temas de pesquisa e metodologias muito próximas – como, por exemplo, o estruturalismo. O debate da geografia crítica chega ao Brasil em meados da década de 1970 e alguns o recebem como uma espécie de obrigação para se adequar ao que havia de mais avançando no exterior. Outros

viram a necessidade de se engajar após a introdução desse novo debate. E outros geógrafos ainda estavam participando da luta e do debate político antes mesmo que essa influência científica adentrasse terras brasileiras – Caio Prado Jr., Orlando Valverde, Armen Mami-gonian, Manoel Correia de Andrade para citar alguns. A geografia crítica representou, em certa medida, uma negação do que a geografia havia construído anteriormente como conhecimento. Conseqüentemente classificou-se, algumas vezes, o que havia sido feito como reacionário ou como fruto das classes e ideologias dominantes. Juntamente a isso, essa geografia causou uma profunda renovação dos quadros institucionais e das agendas de pesquisa. Se por um lado todo o processo ofereceu uma forma de luta efetiva em prol da democracia ou a favor da construção do socialismo, de outro lado permitiu que alguns intelectuais menos comprometidos construíssem uma carreira acadêmica de rápida ascensão, incorporação e



prestígio acadêmico. Após a queda do muro de Berlin e a dissolução do mundo soviético o panorama muda sendo que apenas alguns temas e autores marxistas continuam a ter importância fundamental. Muitos aproveitando o refluxo do centro do sistema optam por abandonar o marxismo em detrimento da pós-modernidade ou do pós-estruturalismo. Apesar das novas escolhas científicas, as mudanças institucionais geradas pela geografia crítica já haviam se consolidado. Curiosamente o tema da ontologia persiste diante dessa mudança.

Após essa apresentação inicial vamos analisar a obra de alguns autores – talvez os que tiveram maior repercussão – acerca do tema. Cabe ressaltar a dificuldade de transitar pelo assunto, pois o termo e as discussões da ontologia são da filosofia. Portanto temos um intercruzamento entre um tema científico e filosófico, o que se deve ao fato do marxismo ser um campo do conhecimento que nunca se intimidou perante a divisão intelectual da pro-

dução do conhecimento. Ressaltamos ainda que certos autores analisados não são claros ao versar sobre o tema misturando matrizes filosóficas distintas não deixando claro seus conceitos e categorias de análise. Ou seja, não apresentam claramente o que seria a ontologia em sua concepção. Veremos adiante como isso ocorre.

Por que o tema da ontologia ganharia tamanha envergadura no contexto da geografia brasileira? Certamente devido à importância que ela tinha entre os filósofos brasileiros como Ruy Fausto e Arthur Giannotti. A crítica ao estruturalismo e as leituras althusserianas de Marx os encaminhou para o tema. Assim a ontologia em Lukács seria uma alternativa para essa situação de predomínio do estruturalismo. Essa ligação com a filosofia nacional mostra a especificidade que o debate obteve dentro da geografia brasileira. Na geografia crítica de outros países nos parece que o tema ganhou outra conotação, ou melhor ainda, teve desenvolvi-



mentos distintos¹.

Para prosseguir nos cabe agora explicar minimamente o que seria ontologia. Ao observar sua definição em um dicionário de filosofia encontramos o seguinte excerto: é *"a teoria acerca do ser em geral, acerca do ser como tal, independentemente das suas espécies particulares. Nesse sentido, ontologia é equivalente a metafísica, sistema de determinações especulativas gerais do ser"* (ROSENTAL e IUDIN, 1972, p. 124). Martins em seu texto sobre o assunto remete à filosofia da antiguidade para demonstrar como o tema surge. O debate se inicia com Parmênides que ressalta à *"necessidade de tomar as coisas em geral enquanto são, as coisas enquanto entes"* (MARTINS, 2007, p. 34). Os entes seriam as manifestações aparentes e encontraríamos sua essên-

1 A referência clássica é E. Soja em seu *Geografias pós-modernas*. Nessa obra a ontologia surge do estudo da constituição do lugar. No caso de Soja a necessidade da discussão de uma ontologia se aprofunda com a vontade de transcender o marxismo e de procurar fontes alternativas para sua metodologia. Outro texto que pode aproximar-nos com as discussões no estrangeiro é SCHATZKI, Theodore R. "Spatial Ontology and Explanation" in *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 81, nº 4, 1991, p. 650-670.

cia através de seu ser. Portanto a ontologia se debruçaria na compreensão ou na resolução filosófica da relação entre ente e do ser. Posteriormente:

"Platão integrando ao discurso ontológico a questão da alteridade entre a Idéia e o ente em geral para nesse caso colocar-nos que a essência, o ser do ente, se encontra na Idéia. (...) Em Aristóteles, sem abandonar a posição platônica, temos uma alteração capital, pois mais que ao perguntar pelo ente verdadeiro, derivado do predicado, somos remetidos a indagar-nos sobre o ente enquanto ente. (...) [Dessa forma] Respondem não o que os entes são, e sim indicam o estar e o ter enquanto condição do existir dos entes em geral" (MARTINS, 2007, p. 34).

Como vemos na citação acima Platão deu uma resolução para o problema dizendo que o ser dos entes estaria contido nas idéias, enquanto Aristóteles colocou que o mais importante seria analisarmos os entes enquanto entes. Observem a preocupação e a ênfase no estudo do estar e ter dos entes em detrimento do ser



(MARTINS, 2007, p. 34). Sendo assim, para o espaço não haveria um ente ou ser específico ele seria uma categoria que diz respeito ao *estar e o ter* de todos os entes. Seria, portanto, uma propriedade dos entes.

Após esse momento inicial de surgimento da ontologia vários outros filósofos darão soluções diferentes para o problema. No caso da geografia crítica, o debate sobre ontologia não se pautará primordialmente na filosofia antiga, pois ele se consolida através da discussão da ontologia marxista do ser social. Ao analisar os quatro autores escolhidos essa ideia fica bem clara, uma vez que todos percorrem o itinerário filosófico de Lukács ou de Sartre. Isso não significa que este seja o único caminho para se pensar a ontologia do espaço, mas quer dizer que vários geógrafos fizeram essa opção. No entanto, o panorama se transforma com a inserção de outros filósofos que estão mais distantes da tradição marxista – como, por exemplo, nas discussões acerca da feno-

menologia no caso da geografia humanística. Curiosamente Martins (2007, p. 34-35) indica que a geografia, contrariamente ao dito acima, toma o espaço como um ser e não como uma categoria. Talvez o debate sobre ontologia na geografia tenha corroborado com essa visão do espaço enquanto ser e não como categoria ou propriedade. Veremos adiante como isso ocorre.

Armando Corrêa da Silva e a busca da totalidade

Um dos primeiros geógrafos a tratar do assunto foi Armando Corrêa da Silva a partir do contato com seu colega da filosofia José Chasin (SILVA, 1978, p. 9 e MARTINS, 2007, p. 35). Em função dessa influência, Armando Corrêa inicia sua busca a partir das ideias de Lukács sobre a ontologia do *ser social*. Observem, *ser social* e não espaço. Ou ainda, não o *ser* em um sentido heideggeriano que abarcaria a existência de uma maneira geral, ou seja,



o fundamento ontológico do ser. É importante ressaltar essa diferença para compreendermos a delimitação do escopo filosófico de Lukács.

O interesse sobre o tema será desdobrado pelos seus alunos de pós-graduação Antonio Carlos Robert Moraes, Ruy Moreira e Élvio Rodrigues Martins. Em todos os seus discípulos as ideias de Lukács vão ser recorrentes, seja de uma maneira mais integrada ao sistema filosófico lukacsiano, seja adotando somente algumas de suas características. Todo este contexto está ligado diretamente ao ambiente da filosofia uspiana onde a crítica ao estruturalismo e à obra de Althusser estava diretamente ligada à ontologia como dissemos acima. O existencialismo de Sartre ou as reflexões epistemológicas de Lukács serviriam como leituras alternativas à interpretação de Althusser (ARANTES, 1994, p. 302-340). Interessantemente isso não significa que os geógrafos irão romper totalmente com o estruturalismo ao contrário do que acontece na filosofia marxis-

ta. Veremos que apesar de todo esse debate a ideia de estrutura persiste.

Tendo esse panorama em mente, por que o tema da ontologia ou a busca do ser (essência) do espaço surgiria com grande importância? Para Silva (1982, p.72), formado originariamente nas ciências sociais, esse debate seria fundamental, pois os fatos sociológicos explicariam o ser social. Ou seja, os fenômenos estudados pela sociologia só teriam razão de ser, só seriam explicados em sua totalidade ou constituiriam leis gerais, à luz do ser social ou da essência da organização social. Portanto, cabe buscar o ser do espaço que explicaria da mesma maneira os fatos espaciais ou geográficos.

O grande problema de nossa disciplina, é que a geografia passaria pelo que Silva chama de impasse aristotélico-kantiano. De um lado temos Aristóteles que se debruça sobre uma geografia empírica e lógica analisando o movimento do ser através da manifestação de



seus entes. E de outro lado Kant que coloca como questão central o pensamento puro e o pensamento prático ou ainda a questão da aparência e da realidade através da criação do espaço enquanto categoria básica de ordenamento do pensamento humano². Junta-se a isso, o fato da maioria dos geógrafos não conseguir atingir uma análise da totalidade na opinião de Silva (1978, p. 5-6). A geografia se caracterizaria por conceitos e categorias, mas não por um método geográfico próprio. Silva, em dado momento, o concebe como se fosse formado a partir de uma mistura de métodos de outras ciências. O resultado da falta de um

² Gostaríamos de esclarecer que o espaço para Kant não é simplesmente um quadro ou uma categoria a priori que organiza a percepção humana. Esse ponto de vista kantiano surge no final de sua longa carreira filosófica. Ao consultarmos um dicionário de geografia fica claro que a primeira posição de Kant é que a geografia seria uma ciência classificatória e descritiva. É somente na *Crítica da razão pura* que Kant vai denotar um maior valor para a imaterialidade do espaço que organiza a atividade do pensamento subjetivo. Aqui o espaço não seria nem real, nem uma substância e nem uma relação (GREGORY et alli, 2009, p.399-400). Dessas duas posições derivam interpretações distintas sobre a natureza da geografia. Nos parece que essa última concepção do espaço kantiano como quadro, foi a que preponderou nas interpretações da geografia crítica. Agrava ainda mais a situação o fato do pensamento kantiano estar associado ao pensamento burguês principalmente para o marxismo ortodoxo. No fundo o impasse que Armando aponta é se o espaço seria um elemento exterior ou interior ao homem.

método geográfico e da especialização científica seria a perda do sentido de totalidade do conhecimento ou o que ele chama de crise da ciência burguesa (SILVA, 1978, p. 74 e 87).

Diante dessa problemática acrescenta-se na proposta de Armando o debate de uma série de questões que ele julga serem atrasos e polêmicas da ciência geográfica, como por exemplo, o empirismo e o racionalismo dentro da geografia, as indagações sobre a concretude das estruturas sociais, a natureza das relações na geografia³, a existência da dialética da natureza e até mesmo se haveria resolução consensual para o que seria o espaço (SILVA, 1982, p. 75). Ora tudo isso aparece de uma forma ou outra ligada ao problema da ontologia do espaço o que dificulta e torna complexo o entendimento do debate sob sua perspectiva. Assim, sua busca é de uma ontologia do espaço que atinja a totalidade e fundamente

³ Como se dariam às relações entre lugares e ainda se a relação entre homem e natureza seria meramente ecológica ou dialética.



um campo de estudo. Outra dificuldade ao se deparar com a obra de Silva, é que apesar dele referenciar muito bem suas fontes, há uma mistura dos problemas epistemológicos da geografia contrapondo debates de contextos e de épocas diferentes com problematizações de dentro e fora da disciplina. Isso tudo surge em nome de uma preocupação com a totalidade concreta e com o método. Ele tenta colocar em consideração de maneira simultânea o "*objeto e [o] método, que, como determinação, põe o problema da práxis intelectual e da legalidade do trabalho teórico*" (SILVA, 1982, p. 76).

Sinteticamente as ideias se encaminham da seguinte maneira: Silva (1982, p. 76-77) irá criticar a geografia empiricista e vai fazer uma contraposição com aquela que busca teorias gerais. Segundo o autor a análise ontológica busca uma solução não sistêmica para a contradição entre racionalismo e empirismo (SILVA, 1982, p. 82). Em seguida Armando busca modelos ou teorias que realmen-

te pensem sobre a realidade social, ou seja, que não sejam meras abstrações. Nesse sentido Harvey e Lacoste, ambos estruturalistas, são referências fundamentais. De Harvey Silva pensa a questão do espaço absoluto, relacional e relativo. O espaço absoluto seria dotado de materialidade e o espaço relacional remete às proposições de Leibniz que fundamenta o espaço através da co-presença de diversos objetos ou unidades chamadas mônadas. A busca aqui é por um espaço que seja mais voltado para a análise social e que se emancipe de uma concepção cartesiana e geométrica *tout court*. Armando indica que o espaço para Harvey não é visto como ser uma vez que está ancorado nas ações e nas relações humanas.

A outra referência fundamental é a ideia de Lacoste acerca da espacialidade diferencial. Segundo Lacoste ao mudar de escalas há também uma mudança de fenômeno, sendo que a primeira deve ser estruturada para apreender múltiplas formas de realidade (SILVA, 1982, p.



77-78). Essas considerações ajudaram o autor a definir a estrutura espacial não como meramente uma formação ideológica, mas como um atributo do espaço. Desse conjunto Silva compõe uma forma de análise que o satisfaz mais, enquanto Harvey remete a dialética de Marx ao ver o espaço como resultado da ação humana, Lacoste adota o estruturalismo e instrumentaliza a espacialidade diferencial que permite analisar diversos conjuntos espaciais em várias escalas (SILVA, 1982, p. 78). A análise estrutural de Lacoste também se preocupa com os discursos, o que remete à epistemologia por detrás do espaço, identificando as ideologias contidas nos objetos (SILVA, 1982, p. 78). Em outra situação Silva ainda nos coloca que o espaço se funda nas categorias de localização, situação e distribuição (SILVA, 1978, p. 11-19).

Após essa análise Silva quer compreender as especificidades da composição do conhecimento geográfico no terceiro mundo. Ao

realizar essa tarefa se depara com a obra de Milton Santos que apresenta as instâncias sociais de maneira sistêmica. Demonstra que a totalização ou as variáveis universais se dão através da técnica e das empresas multinacionais o que permite dar ênfase espacial à estrutura interna de cada nação compreendendo a dinâmica de fluxos e a ligação entre o total e o local (SILVA, 1982, p. 79). O contato com as ideias de Milton terá muita repercussão na concepção de Silva nesse momento.

Armando Corrêa da Silva aponta ainda para uma ontologia do espaço na obra de Reclus, pois interpreta o geógrafo francês admitindo que o espaço determina a organização das sociedades e que a história humana reflete as desigualdades sociais através das nações (SILVA, 1982, p. 84-85). Na nossa interpretação, Reclus é uma espécie de inspiração sobre o que seriam os estudos com base na ontologia ou como ela poderia ajudar a geografia no tocante à manifestação dos fenômenos con-



cretos.

É interessante notar na obra de Silva que mesmo inspirado pelo estruturalismo, ele não deixa de atentar para a análise paralisante que as estruturas poderiam proporcionar. Sartre é quem lhe indica esse fato e a necessidade de ver a sociedade em movimento – provavelmente em função da ideia de totalização (SILVA, 1982, p. 90). Nesse contexto, a obra de Lukács surge como solução para a mudança de análise entre a totalidade e o lugar, ou seja, entre o universal e o singular. A mediação e a contradição entre o universal e o singular seria o particular. Este último conteria valores universais, mas seria único em sua singularidade ao mesmo tempo em que seria um momento específico do processo histórico (SILVA, 1982, p. 86). Talvez essa digressão até Lukács reflita a busca e a necessidade pelo movimento ou pela resolução não sistêmica da relação entre o racionalismo e o empirismo.

Por último não poderíamos deixar de fa-

lar de sua ideia de subtotalidade. Silva está em busca permanente da totalidade ao mesmo tempo em que sabe que é impossível alcançá-la – novamente muito provavelmente em função da ideia de totalização para Sartre. Nos parece então que Silva vê a vocação para a totalidade da geografia, mas essa seria uma totalidade restrita aos elementos geográficos ou espaciais:

"A ideia de subtotalidade é uma transposição, para a dialética, do problema do todo e partes do estruturalismo. É fácil compreender que, tratando do conhecimento em seu conjunto, a ideia de subtotalidade pode justificar a existência de qualquer conhecimento específico: em meu caso, da geografia" (SILVA, 1982, p. 80).

Talvez toda a preocupação em esclarecer a subtotalidade seja no sentido de justificar a existência e a importância do conhecimento específico da geografia. E mesmo com sua concepção de subtotalidade a ontologia continuaria a ser um elemento universal, ou



seja, um espécie de totalidade limitada espacialmente que se refere a outros elementos menores, subordinados e dependentes.

Após todo o desenrolar do debate de Armando Corrêa da Silva vemos a grande quantidade de questões que ele pretende abordar. De um lado temos um debate da época que diz respeito ao estruturalismo e de outro lado temos uma discussão de vem desde a geografia moderna até os dias de hoje entre racionalismo e empirismo. Queremos ressaltar que apesar de Silva mostrar Leibniz como uma alternativa para se pensar os espaços sociais pensamos que este filósofo é uma falsa alternativa. Isso porque seu espaço relativo não possui grandes contrastes se compararmos à geometria cartesiana. Sendo assim o espaço relacional melhora a análise espacial, mas não dota o espaço de uma maior densidade histórica nem o aproxima de um modelo mais ligado à dinâmica social. Tanto é que o espaço relacional e o espaço absoluto foram grandes motes

e instrumentos da nova geografia. Por outro lado o tema da co-existência social foi assunto inspirador para o desdobramento de sociólogos muitos anos depois – como A. Giddens. No entanto, as reflexões inovadoras de Armando Correa da Silva incorporam o espaço relacional pela obra de Harvey e dotam o espaço de uma densidade histórica estrutural, além do ser do espaço remeter ao papel de produto e produtor da sociedade. E seguindo seu argumento a “*ontologia [do espaço], uma vez delimitada, remete à epistemologia*”, ou seja, às formas de constituição do conhecimento (SILVA, 1986, p. 98 e 131).

A presença seminal de Lukács na obra de Antonio C. R. de Moraes

Em 1979 na revista da União Paulista de Estudantes de Geografia, Antonio Carlos Robert de Moraes também faz suas reflexões sobre uma ontologia do espaço, porém logo após abandonaria a ideia. Apesar disso, pensamos que



ele é um autor que irá constituir uma ideia de ontologia do espaço coesa se baseando principalmente na obra de Lukács. A sua pergunta original sobre o assunto é a seguinte:

"Como realizar um estudo do espaço dentro do materialismo histórico, em que ele não seja apenas receptáculo de fenômenos determinados por outras instâncias do real? Como efetivar a apropriação total do espaço, apreendendo-lhe a essência? Como apreender esse ser específico sem autonomizá-lo e sem empobrecer-lhe a singularidade? Como realizar um corte no real sem cair num procedimento positivista?" (MORAES, 1982, p. 65-66).

Isso porque para Moraes dentro da geografia o debate sobre o espaço se faz sob um ambiente lógico e não dialético através de Kant e Leibniz. Por outro lado o espaço social havia sendo tratado por outras ciências de maneiras diversas como é o caso, por exemplo, do urbanismo (MORAES, 1982, p. 66).

Após essas considerações seu próximo passo é tentar identificar os geógrafos que

versaram sobre o materialismo histórico. Cita Bertoquy um geógrafo mexicano que à moda de Pierre George tentou conciliar contraditoriamente Marx e a geografia tradicional (MORAES, 1982, p. 66-67). No interior do marxismo, o espaço também seria relegado a um segundo plano devido à citação da *Ideologia alemã* em que Marx insinua que toda ciência é histórica. Paralelamente à geografia e com base no marxismo surge a sociologia espacial:

"(uma projeção das relações sociais no espaço concreto, atentando para as contradições gerais do capitalismo), reduzindo o objeto ao seu aspecto fenomênico, assim um espaço dado, determinado diretamente pelas leis gerais da acumulação capitalista. De um lado os lugares (locais de ocorrência) com seus arranjos únicos de mediações incognoscíveis, de outro, as leis abstratas do modo de produção. O espaço como receptáculo" (MORAES, 1982, p. 68).

Mesmo nesse tipo de sociologia, na opinião do autor, o espaço é visto positivamente como fato. Não há uma ideia real de dialética do es-



paço uma vez que ele ainda é visto como receptáculo. Tudo isso se deve ao não aprofundamento da metodologia marxista. Todavia, os marxistas que tentaram fazer sociologia espacial têm uma contribuição concreta para pensarmos. Todo esse conjunto foi visto como ponto de partida da reflexão e não sob uma crítica anuladora. Ao ignorarmos esses autores estamos fadados a cometer os mesmos equívocos.

Digressões à parte, para Moraes Harvey e Milton seriam os autores que mais teriam caminhado para a construção de uma concepção dialética do espaço (MORAES, 1982, p. 68). Paralelamente a esses desenvolvimentos para Moraes Lukács seria um autor importante devido ao seu encaminhamento metodológico. Seu método seria claro e adequado para estudar o espaço, pois versaria sobre *"seres individualizados, de existências e formas de manifestação específica"* (MORAES, 1982, p. 68). Reflexões que seriam aprumadas por uma dia-

lética entre sujeito e objeto. Assim:

"A proposta lukacsiana desde logo referenda (e elucidada) o primado gnoseológico da existência reforçando o fundamento materialista da anterioridade do ser em relação à consciência. Assim, as coisas têm uma existência anterior e exterior às representações que os homens delas fazem. Esta prioridade e exterioridade do real frente ao conhecimento é um dos pontos basilares da proposta lukacsiana" (MORAES, 1982, p. 68).

O conhecimento e a realidade concreta se apresentam como momentos de particularidades sucessivas que delineiam o movimento do ser. Portanto, temos a aproximação possível de um determinado objeto em um momento concreto logo ultrapassado pelo movimento da totalidade real.

Sendo assim, cabe esclarecer que o *ser* para Lukács tem um aspecto diferente dos antigos ou de outros filósofos. O *ser* seria visto a partir do materialismo histórico e dialético, e o que determinaria a dificuldade de apreensão seria seu constante movimento (movimento



singular e movimento da totalidade da existência) e não uma essência eterna imutável no nível das idéias. O ser é parte movente e parte movido sendo que sua complexidade se constitui a partir da origem genética ou histórica que remete às ligações entre os mais diversos fenômenos que conhecemos. A totalidade, portanto se compõe de vários fenômenos (MORAES, 1982, p. 69). Em seguida Moraes se refere à crítica que Lukács faz acerca da fragmentação dos conhecimentos, e conseqüentemente dos aspectos do ser, o que revela uma ciência decadente e incapaz de ter uma visão total da realidade. Logo em seguida, nos coloca que o fundamento ontológico do ser social, ou aquilo que funda a sociedade ao mesmo tempo em que permite o surgimento do pensamento científico é o trabalho (MORAES, 1982, p. 69). Através dele o pensamento humano tem teleologia e há uma previsibilidade das conseqüências do ato humano, ou seja, a capacidade de pensar o futuro. Dessa forma a

ontologia se propõe enquanto base científico-filosófica para apreensão da realidade. Agora é que a situação se dificulta em nossa opinião:

"Desde logo, devemos admitir o espaço enquanto natureza em si, como existência objetiva anterior ao homem, manifestação de formas de materialidade inorgânica e orgânica, engendrando numa história natural, onde as transformações ocorrem sem a impulsão finalística. Este espaço é uma realidade fáctica, o reino absoluto da causalidade. Em termos lógicos e históricos, admitimos que é nesta realidade que se forma o ser social, forma mais elevada da materialidade. Este se transforma teleologicamente (com finalidade) e o mundo externo através do seu trabalho. Apropria e transforma esse espaço natural, imprimindo-lhe sua marca; faz dos objetos naturais formas úteis à vida humana. O apropriar-se do espaço concreto implica na elaboração de categorias lógicas sobre o espaço. (...) Noções como distância, extensão, fronteira, assim como a consciência do espaço grupal e a demarcação do domínio territorial são engendradas no trabalho social, são ilações da prática" (MORAES, 1982, p. 71).

Assim Moraes acredita ter desatado o que chama nó górdio da geografia: para Kant



o espaço era uma mera categoria lógica do entendimento e para a geografia "tradicional" o espaço era somente a superfície terrestre, uma categoria eminentemente empírica. Através de Lukács há uma superação dessa dicotomia, pois se demonstra como o trabalho é fundador prático das categorias de entendimento humano ao mesmo tempo em que é transformador (apropriador) da superfície terrestre (MORAES, 1982, p. 72). O espaço se apresenta "como categoria histórica-concreta, remetendo a um ser em movimento. O ser já não é uma 'natureza em si' mas uma 'natureza para o homem' (...) e dinâmica própria da materialidade social" (MORAES, 1982, p. 72). Ao final do texto, conclui que agora nos cabe buscar as singularidades das formações territoriais, ideia que nos parece vai orientar sua produção intelectual durante um longo período.

O que nos cabe perguntar diante do exposto é se Lukács para pensar a ontologia

do espaço não reproduziria à visão do espaço como um elemento exterior que oferece as potencialidades para o desenvolvimento humano? Como vimos acima Lukács fala sobre a ontologia do ser social e não do espaço. O trabalho tem claramente um papel fundamental, mas o fato é que Lukács não evidencia o papel do espaço, apesar dele ser claramente uma base material.

A necessidade de digressão para o desenvolvimento do argumento filosófico faz Lukács cair no momento original de hominização do homem que se dá através do trabalho. A continuação lógica do seu raciocínio histórico seria observar então quais são os próximos movimentos da civilização ou da cultura humana como, por exemplo, o desenrolar dos modos de produção. Talvez seja por isso que Moraes se debruçou tão longamente sobre a formação territorial e sua relação com o pensamento geográfico. Ou seja, como o trabalho transforma o espaço e ao mesmo tempo em



que produz um conhecimento prático.

A seguir após uma rápida explanação sobre a produção de Ruy Moreira argumentaremos como a obra de Milton Santos foi fundamental no sentido de observar o papel das técnicas integradas à materialidade e ao processo do trabalho.

Ruy Moreira e a geograficidade

Acerca da obra de Ruy Moreira confessamos de imediato nossa grande dificuldade. Isso porque o autor mistura uma grande quantidade de matrizes, sistemas e obras de autores muito díspares, como por exemplo, o próprio Lukács e Heidegger. Além disso, o próprio ponto de partida de sua ontologia não nos pareceu claro. O que seria a ontologia? Seria tomado a partir de Lukács ou da Heidegger? Apesar de ambos darem importância à dimensão histórica (contraposição entre história e historicidade) talvez Heidegger esteja mais direcionado

ao entendimento filosófico do indivíduo do que à ontologia social de Lukács. Além disso, para Heidegger a consciência da morte, a presentificação da existência, o tempo vivido e o "ser decaído" parecem ser muito mais importantes na constituição da ontologia do homem do que o trabalho. A discussão sobre a ontologia podem apresentar muitas variáveis comuns enquanto exame do ser, porém se tomarmos a obra filosófica como um todo o sentido e as ideias podem ser bem diferentes. O fato concreto é que Lukács faz críticas a Heidegger em sua obra *A destruição da razão* (KOLAKOWSKI, 2005, p. 1014).

Independentemente disso Moreira dedicou parte substancial de sua vida intelectual ao assunto. Em um de seus trabalhos mais debatidos Moreira traça um paralelo entre a história da geografia e sua discussão sobre o marxismo. Sendo assim vai até os clássicos do marxismo e aos geógrafos que versaram sobre a relação entre geografia e marxismo para dotar-lhes de



um sentido ontológico⁴. Ao transitar por todo esse caminho se depara com a ideia de que uma ontologia do espaço seria constituída pelo que chama de metabolismo entre natureza e sociedade. As categorias gerais do marxismo e da geografia que podem encaminhar para uma análise ontológica são natureza, trabalho e o homem (MOREIRA, 2004, p. 23). O resultado do processo é a riqueza e a produção de valores de usos nas diversas sociedades humanas. Logo após, Moreira recupera a ideia de paisagem natural e cultural para declinar de uma posição que considere a técnica como valor fundamental para mensurar os estados civilizatórios ou de evolução social (MOREIRA, 2004, p. 26). Apesar dos avanços da geografia marxista dos geógrafos franceses de meados do século XX para Moreira (2004, p. 28) o que se produziu foi um conhecimento fragmentário que não conseguiria constituir a totalidade.

⁴ Lembrando que esse procedimento do ponto de vista da história das ciências pode ser acometido por uma série de anacronismos.

Frente essa constatação Moreira recupera as idéias da *Ideologia alemã* de Marx para demonstrar não apenas o caráter humanizante do trabalho, mas também a relação entre necessidade e liberdade. Ou seja, como o trabalho consegue tornar o homem pleno em contraposição ao papel alienante da propriedade privada, o que não é exclusivo do modo de produção capitalista. Para Moreira (2004, p. 30) essa questão se resolve "ontologicamente". A partir dessas reflexões surge a sua ideia de geograficidade que exemplifica a mistura filosófica que havíamos nos referido anteriormente:

"Designamos geograficidade à condição espacial da existência do homem em qualquer sociedade. O equivalente do que em filosofia Heidegger designa a mundanidade do homem. Ou em outro contexto Hegel designa o ser-estar do homem no mundo. O acento marxista é o enraizamento dessa mundanidade de Heidegger, desse ser-estar-no-mundo de Hegel, no âmbito do metabolismo do trabalho" (MOREIRA, 2004, p. 32).



A ideia surge como num mosaico onde um autor dá continuidade ao outro, porém eles possuem temáticas e sistemas filosóficos diferentes. Não que eles não sejam passíveis de diálogo, mas não conseguimos compreender o desdobramento e a relação das ideias de cada pensador uma vez que elas não podem ser tomadas por partes desconexas de um sistema de pensamento maior. Talvez em algum outro lugar essas ilações tenham sido esclarecidas.

Diante da obra de Moreira a influência de Lukács continua tanto na ideia do trabalho quanto na do trinômio universal-particular-singular abarcando a totalidade. A geograficidade aparece como síntese da essência e da existência, ou seja, da "própria totalidade concreta do ser" (MOREIRA, 2004, p. 34). E mais adiante a aparência é definida como a própria essência rumo à síntese: "*A geograficidade parte do ente, vai da existência à essência – caminho mediado pela forma e pelo conteúdo – para retornar de volta ao ente e enfim ex-*

plicitar o seu ser geográfico" (MOREIRA, 2004, p. 34)⁵. Assim temos a impressão que devido à dificuldade de definição ontológica se esgota a diferença entre essência e ente. Além disso, na geograficidade se confunde o ser do espaço e o ser do homem que pensamos serem fenômenos diferentes apesar de indissociáveis. O texto nos instiga indagações do tipo: qual a diferença entre ente e ser? Qual o método para transitar entre um e outro? Em Lukács, por exemplo, há uma coincidência entre ser e ente? A nosso ver não, porque o ente se manifesta enquanto momento concreto e a essência se apresenta como a totalidade do movimento histórico dotado de uma complexidade que não tem fim, uma vez que a totalidade concreta está sempre em movimento. Por isso, em seu sistema filosófico a verdade é datada e

⁵ Martins (2004, p. 41) reflete sobre essa visão de uma geograficidade de homem-espaco no sentido que "A essência do ser configurar-se-á a partir de determinação geográficas e (históricas), posto que são determinações da existência. O ser do homem se confundirá com a mundaneidade do meio, em que a dicotomia entre homem-meio é superada quando tomamos o nosso ser a partir das nossas objetivações, e de nossas objetivações na construção da subjetividade".



efêmera pautada nos diversos momentos históricos (HOLZ e KOFLER, 1969).

Em outra obra Moreira (2008, p. 135 *et passim*) explora novos temas da ontologia que crê possuírem importância fundamental. O primeiro é como a modernidade modifica as representações e os arranjos espaciais causando drásticas conseqüências. Em seguida explora a diferença individual sob um viés ontológico e por fim versa novamente sobre a geograficidade e a idéia lukacsiana de sociabilidade. No entanto, podemos notar que mesmo dialogando com outros autores a raiz lukacsiana da reflexão e a busca pela totalidade continuam presentes.

Milton Santos e a centralidade da técnica

O tema da ontologia está presente também na obra de Milton Santos e é discutida mais explicitamente em *A natureza do espaço*. Apesar dessa obra ser posterior ao início da geografia

crítica pensamos que ela reflete parte do debate que Milton Santos realizou em sua trajetória. Ao olhar o índice da obra e sua primeira parte fica evidente que Santos tenta dar à obra um sentido ontológico. O autor, além de propor uma teoria, tenta demonstrar como o espaço se constitui como ser.

Na primeira parte da obra a preocupação com a aceitação ou o uso de categorias de outros campos do conhecimento é grande. E é no tocante a isso que a ontologia surge: “*as categorias de análise, formando sistema, devem esposar o conteúdo existencial, isto é, devem refletir a própria ontologia do espaço, a partir de estruturas internas a ele*” (SANTOS, 2004, p. 23). Com essa perspectiva em mente a geografia deverá se apropriar – enquanto disciplina – de outras categorias para explicar a ontologia do espaço a partir de suas próprias categorias internas. Seguindo esse raciocínio seguramente a técnica tem um papel fundamental:



"A centralidade da técnica reúne as categorias internas e externas, permitindo empiricamente assimilar coerência externa e coerência interna. A técnica deve ser vista sob um tríplice aspecto: como reveladora da produção histórica da realidade; como inspiradora de um método unitário (afastando dualismos e ambigüidades) e, finalmente, como garantia da conquista do futuro, desde que não nos deixemos ofuscar pelas técnicas particulares, e sejamos guiados em nosso método, pelo fenômeno técnico visto filosoficamente, isto é, como um todo" (SANTOS, 2004, p. 23).

As técnicas permitiram nos relacionarmos bem com outros campos do conhecimento fazendo mediações entre categorias internas e externas. Não podemos deixar de pensar igualmente que não existe trabalho sem técnica mesmo os trabalhos mais simples. Ambos se agregam no espaço e o constituem historicamente. O que é interessante nesse raciocínio é que técnica e trabalho morto aparecem como formas sociais que são herdadas e que podem possuir conteúdos diferentes nos diversos modos de produção. São formas que

perpassam diversos períodos históricos.

Cabe ressaltar nesse momento que essa concepção de técnica como um dos fundamentos do espaço está muito ligada às idéias que Santos retirou da *Ideologia Alemã* de Marx. Lembremos que muito da teoria antropológica marxista da origem do homem e da sociedade foi retirada dessa obra. Não nos esqueçamos também que nesse momento do pensamento marxiano a idéia de modos de produção está mais ligada ao nível tecnológico e material. É somente em *O Capital* que Marx dá uma guinada e pensa o modo de produção dando ênfase às relações de produção e de propriedade.

A materialidade e o nível técnico guardam em si uma intencionalidade que por vezes podem exigir certas finalidades. Vejamos o que diz o autor: "*noções fundadoras do ser do espaço, susceptíveis de ajudar a encontrar sua busca da ontologia: a técnica, o tempo, a intencionalidade materializados nos objetos e ações*" (SANTOS, 2004, p. 23-24). Apesar



do trabalho não ser citado explicitamente, temos aí as categorias que assentam sua ideia de ontologia em que o espaço aparece como ser. É justamente essa intencionalidade que fundamentará a ontologia para Sartre (GILES, 1975, p. 327) fazendo confrontar e criando contradições entre o ser em-si e o para-si, as duas regiões fundamentais da consciência (reparem que no existencialismo a essência só é possível com a consciência e a existência; o em-si seria ideia ligada à consciência de um indivíduo material)⁶. Não é somente nesse caso que a relação entre Sartre e Milton Santos se estabelece, a ideia de projeto também evidencia a influência sartreana em sua obra. Claramente o projeto só se constitui se carregado de intencionalidade e obviamente se há discrepância formam-se conflitos (GILES, 1975, p. 340). Nesse sentido há uma dialética social entre a atitude solidária e a escassez

⁶ Agora nos cabe ter clareza que a posição filosófica de Sartre é oposta a do materialismo ortodoxo uma vez que para ele a consciência funda a existência.

latente entre os indivíduos, ligada, por exemplo, às relações sociais do lugar no tocante a pobreza do terceiro mundo.

Com a intencionalidade acrescida da ação prática do trabalho e tendo a técnica como o conhecimento intermediador desse processo Sartre cinde a práxis:

"Mas se os homens não pudessem tornar-se utensílios, fazendo modificações em seu ambiente, não podiam modificar nada. Não existiria a práxis. A pura cerebração não conseguiria nada. O aspecto físico do ser humano é, literalmente, seu contato com o mundo; e utilizando a si próprio como instrumento, modifica as coisas. Os utensílios são simplesmente extensões das mãos" (GILES, 1975, p. 362).

Vislumbra-se o vulto da ideia original da práxis marxista em que a filosofia se supera através da realização prática. A partir do elo de realização do trabalho através da práxis intermediada pela técnica se revela a indissociabilidade entre o humano e o não-humano ao mesmo tempo em que se forma parte do ter-



ritório. Nesse momento as formas-conteúdos são fundamentais para a ontologia do espaço: *“Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas – tornadas assim formas-conteúdo – podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço”* (SANTOS, 2004, p. 106). Por fim, Santos nos coloca que o espaço é uma síntese provisória – muito próximo da idéia de totalização de Sartre – das formas e do conteúdo social. Sociedade e espaço fazem um par dialético na medida em que mantém relações contraditórias e inseparáveis (SANTOS, 2004, p. 109). O processo de totalização e sua concepção de totalidade estão ligadas a Sartre. Temos assim outra similaridade entre o fundamento do espaço e a totalização:

“O aspecto unificador de um ato é a totalização de um ato não-terminado, mas que pode ser considerado assim, sinteticamente, quando consideramos cada parte em termos da sua relação com

todas as demais. Por exemplo, uma casa vazia é um prático-inerte, mas uma vez habitada torna-se um lar e o centro das atividades unificadoras” (GILES, 1975, p. 355).

Diante do exposto nos parece que sua obra busca em vários momentos ter um sentido ontológico para fundamentar a gênese e o desenrolar do ser do espaço. Ele é visto como uma instância e devemos lembrar que para Althusser as várias instâncias compõem a totalidade. Assim Santos de uma maneira completamente inovadora consegue unir o projeto estruturalista que tem suas bases nas idéias de Althusser ao existencialismo e seu foco na ação do indivíduo ao modo de Sartre. Fato que responde aos problemas que se aprofundaram na geografia norte-americana e inglesa, mas que não foi amplamente celebrado e debatido no Brasil. Essa idéia foi certamente inspirada por Sartre, pois como coloca Giles (1975, p. 352) *“Sartre considera que o materialismo aniquila o sujeito e até a própria dialética, pois*



se o sujeito é apenas matéria, não pode haver dialética". Sendo assim, há uma composição como indicamos acima da visão de Sartre e Althusser.

Pensamos que já temos agora elementos suficientes para traçar algumas considerações finais.

Considerações Finais

Ao retomarmos as considerações de Ruy Moreira entre a relação da geografia com o marxismo vamos encontrar o seguinte excerto:

"Em se tratando da condição geográfica da existência humana, o olhar marxista é que deve afeiçoar-se ao arsenal categorial, conceitual e lingüístico da geografia. Trata-se menos de fazer de Marx um geógrafo, ou esperar ver uma geografia nos escritos de Marx, que fazer da geografia uma forma de olhar pelos olhos de um referencial marxista, mas com as formas e categorias de olhar próprias. O olhar do marxismo emprestaria o foco." (MOREIRA, 2004, p. 30).

Creemos que essa visão é muito discrepante da nossa, porque pode causar uma valorização indevida da história do pensamento geográfico. Indevida porque vai tender a revalorizar conceitos ultrapassados e descontextualizá-los tentando atrelá-los às temáticas que não lhe são próprias. Não é possível um "marxocentrismo" para pensadores fora do âmbito do marxismo. Ou seja, analisar e **utilizar** o gênero de vida com um olhar marxista ou com referenciais do materialismo histórico não vai resolver a questão. O que se deve fazer é compreender os geógrafos antigos em seus contextos tentando enxergar o seu papel e sua obra intelectual como um todo. O importante é compreender suas influências filosóficas e não tentar encaixar novas influências que não se realizaram e que apenas se insinuam. Só assim entenderemos o desenvolvimento das idéias e poderemos dimensioná-las na atualidade. Para nós a geografia marxista deve procurar o pensamento geográfico em Marx e



nos marxistas uma vez que estes de fato mobilizaram categorias próprias da disciplina. Se a geografia versa sobre a existência humana – e seguramente o faz – então as relações entre homem e meio são um elemento que está presente na obra dos marxistas. Por outro lado os geógrafos que tentaram fazer uma aproximação entre geografia e marxismo precisam ser mais estudados com a restituição de seus contextos, com a compreensão de sua produção e seus avanços teóricos. A relação entre geografia e marxismo ou geografia e pensamento crítico não se inicia em 1968. Ele começa a se institucionalizar no final da década de 1960, mas existem muitas latências anteriores a esse período. Cabe observar a progressão do pensamento geográfico e do marxismo suas áreas de contato, paralelismos, continuidades, descontinuidades e temas de pesquisa. Isso nos parece ser muito mais fácil e concreto, pois devemos compreender que mostrar a eventual aproximação que o gênero de vida

pode ter com concepções fundadas no materialismo dialético ou no pensamento heideggeriano sem tê-lo explicitamente talvez signifique mistificar a história da ciência.

O debate da ontologia surgido em parte do marxismo, no caso da geografia, teve muitos desenrolares como vimos. Para compreendê-lo a fundo devemos retornar aos fundamentos de Sartre, Lukács e de Marx da *Ideologia alemã* e dos *Manuscritos filosóficos*. Isso porque no nosso entender Lukács oferece uma compreensão específica do ser e porque na *Ideologia* temos uma teoria antropológica que nos diz muito sobre a origem da sociedade e a apropriação da natureza – ou do espaço. Com o processo da apropriação e a propriedade privada surgirá concomitante à alienação do homem. Assim, categorias como trabalho, técnica, alienação podem constituir uma ontologia do homem e do espaço como vimos acima. Martins (2004, p. 49) aponta claramente para essa necessidade e indica a eventual pro-



dução de uma geografia alienada a partir de uma subjetividade humana sob a influência do estranhamento do modo de produção capitalista e da propriedade privada.

O pensamento sartreano também oferece a possibilidade da constituição de uma ontologia. Quanto a isso é interessante a posição de Milton Santos de que sociedade e espaço são indissociáveis ao mesmo tempo em que guardam um certo grau de diferenciação. Quanto à posição do espaço ser uma propriedade ou um **ser**, talvez poderíamos achar uma posição conciliadora. O espaço é um ser natural dado exteriormente, mas também constituído socialmente e ao mesmo tempo diz respeito às características de outros seres ou às relações entre os seres. Certamente a totalidade se compõe da relação entre os fenômenos que Lukács nos fala e que tem certa semelhança com a transfenomenalidade de Sartre (1943, p. 28). Sartre além de ter uma posição ontológica clara que faz dialogar vários sistemas filo-

sóficos coloca o espaço como uma negação ou relação entre fenômenos. Em *O ser e o nada* o espaço não seria um ser, mas a ligação entre os fenômenos ou entre os objetos. Para Sartre o espaço remete principalmente ao para-si, ou seja, a aparência dos seres que se contraporia ao em-si (SARTRE, 1943, p. 220). Mesmo que Milton tenha sido influenciado por Sartre poucos geógrafos se arriscaram a relacionar sua ontologia do espaço com as idéias deste filósofo até as últimas conseqüências. Obviamente as considerações sartreanas não permanecem as mesmas ao longo de sua carreira. Em *A crítica da razão dialética* surge o problema do prático-inerte que como sabemos tem ampla repercussão na obra de Milton. E aqui mais uma vez ressaltamos que talvez ainda não se tenha popularizado a idéia inovadora que Milton elaborou através do pensamento sartreano: a análise da estrutura pode ser conciliada com o papel do indivíduo. Assim:

"Em vez de pensar a história a partir da produção,



para em seguida englobar as estruturas que são o grupo e a sociedade, estudando as contradições que estes impõem, para afinal chegar ao Indivíduo, Sartre, usando o que ele chama de experiência 'crítica', parte do sujeito, do Indivíduo, na sua práxis incompleta, analisa seu relacionamento com o outro, traça o crescimento do grupo e de outras formas coletivas, para terminar, afinal, no ente concreto absoluto que é o homem histórico" (GILES, 1975, p. 358).

Certamente a posição de Sartre sobre o espaço ou a relação entre Sartre e Milton carece de um debate mais rico, o que é completamente possível. Talvez o pensamento sartreano ofereça novos caminhos para outras ontologias do espaço e sua investigação.



Referências Bibliográficas

167

ARANTES, Paulo Eduardo. **Um departamento francês de ultramar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GREGORY, D.; JOHNSTON, R.; PRATT, G.; WATTS, M. J.; WHATMORE, S; **The Dictionary of Human Geography**. Londres: Wiley-Blackwell, 2009.

GILES, Thomas Ransom. **História do existencialismo e da fenomenologia – volume II**. São Paulo: Edusp e Editora Pedagógica e Universitária, 1975.

HOLZ, H e KOFLER, L. **Conversando com Lukács**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

KOLAKOWSKI, Leszek. **Main currents of marxism**. London: W. W. Norton & Company, 2005 [1978].

MARTINS, Élvio Rodrigues. "Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser" In **Geosp**, São Paulo, nº 21, pág. 33-51, 2007.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

_____, Ruy. "Marxismo e geografia (A Geograficidade e o diálogo das Ontologias)" In **GEOgraphia**, ano 6, nº 11, 2004.



MORAES, Antonio Carlos Robert. "Em busca da ontologia do espaço" In MOREIRA, Ruy. **Geografia: teoria e crítica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982 [1979].

ROSENTAL, M. M. e IUDIN, P. F. **Dicionário Filosófico**. Lisboa: Editora Estampa, 1972.

SARTRE, Jean-Paul. **L'être et le néant**. Paris: Gallimard, 1943.

SILVA, Armando C. **De quem é o pedaço? Espaço e cultura**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

_____, Armando C. "O espaço como ser: uma auto-avaliação crítica" In MOREIRA, Ruy. **Geografia: teoria e crítica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

_____, Armando C. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2004.

